



SERVIÇO DE ATENDIMENTO A REDE DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPILAR: A EDUCAÇÃO POR AMOR É CONTAGIOSA

Geicinara Martins de Almeida OLIVEIRA¹
Adriane de Lima Vilas Boas BARTZ²
Cintya Fonseca LUIZ³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é apresentar aos profissionais da área pedagógica o papel da educação na esfera hospitalar, e, como esta ação demanda compromisso de um trabalho humanizado no âmbito hospitalar. Ainda, como problematização temática, se há profissionais habilitados para tal função e quais os critérios para a formação do pedagogo hospitalar. Buscou-se também esclarecer como a pedagogia hospitalar assegura a criança que se encontra em processo de internamento, aguçando nos pedagogos o interesse e a busca deste seguimento educacional. Justifica-se esta pesquisa pela importância educacional e social que possui o pedagogo inserido no ambiente hospitalar, visto que o educando imerso nesse contexto está em condições vulneráveis e requer cuidados específicos, referentes ao seu desenvolvimento global. Desse modo, realizou-se a pesquisa qualitativa através da metodologia embasada em fontes bibliográficas de arquivos teóricos publicados em fontes digitais, escritas; Para confirmar tais dados, foi realizada a pesquisa de Campo por meio de visita técnica junto à instituição hospitalar UOPECCAN de Cascavel, para assim, refletir e analisar as questões levantadas. O conjunto desta pesquisa explicitou que o professor hospitalar deva ter planejamento pedagógico, tal como, a execução de metodologias diversificadas e ajustadas de acordo com a realidade do aluno hospitalizado. A assistência educacional hospitalar vai além da complementação dos conhecimentos curriculares, tal contexto, requer sensibilidade, humanização e amor, voltados para a superação das limitações físicas, emocionais, bem como, dos conteúdos escolares do educando.

Palavras-chave: Classe hospitalar. SAREH. Internamento. Educação.

¹ Graduanda, Pedagogia, Faculdade Dom Bosco de Ubitatã, e-mail:geicimusicista@gmail.com

² Docente do curso de Pedagogia, Faculdade Dom Bosco de Ubitatã, dri_bartz@hotmail.com

³ Doutoranda em Educação para Ciência e Matemática, Universidade Estadual de Maringá, cintya_fonseca@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa mostra-se relevante na discussão sobre o papel educacional nas conjunturas hospitalares, visto que prevê ações inovadoras no atendimento de crianças e adolescentes hospitalizados, a fim garantir-lhes o acesso à educação.

É necessário compreender que se trata de um trabalho diferenciado, introduzido pela necessidade das crianças e jovens, impossibilitados de frequentar a escola devido as suas complicações de saúde. A classe Hospitalar no Brasil é designada pela secretaria de Educação Especial do MEC, como parte da Educação Especial. Dessa forma, o atendimento educacional é prestado pelo Pedagogo dentro dos Hospitais, ou no domicílio do paciente.

Este artigo objetiva apresentar aos profissionais da área pedagógica, o papel da educação na esfera hospitalar, e como esta ação demanda compromisso de um trabalho humanizado, e, evidenciando a problematização do tema, se há profissionais habilitados para tal função e quais os critérios para a formação do pedagogo hospitalar.

Cardoso (1995) aponta que:

Educar é transformar a realidade de acordo com as necessidades do homem. O pedagogo hospitalar deve ter olhos voltados para todos, assegurando o aperfeiçoamento humano, construindo uma nova consciência onde a sensação, o sentimento, a integração e as razões culturais valorizem o indivíduo, envolvendo a compreensão de suas relações como contexto social no qual se realiza e dos propósitos transformados, de que deve se reverter em relações aos sujeitos do processo educativo e à realidade social no qual estão inseridos (CARDOSO, 1995, p.48).

O autor complementa que é função do professor realizar o trabalho com sensibilidade e adequação dentro da realidade hospitalar, fazendo com que o educando se ajuste sob sua nova realidade, seus anseios e suas limitações, permitindo-lhe o contato mais aproximado de suas culturas e relações sociais.

Para confirmar, esta pesquisa qualitativa foi realizada através de embasamento em fontes bibliográficas de arquivos teóricos publicados em fontes digitais, escritas; Tais dados, foram complementados por meio da pesquisa de Campo com a visita técnica junto à instituição hospitalar UOPECCAN de Cascavel, para assim, refletir e analisar as questões levantadas.

Dessa forma, buscou-se esclarecer como a pedagogia hospitalar assegura a criança que se encontra em processo de internamento, aguçando nos pedagogos o interesse e a busca pela Pedagogia Hospitalar, haja vista que, ainda é um tema em aperfeiçoamento e discussão pelo país.

Assim, justifica-se esta pesquisa pela importância educacional e social que possui o pedagogo inserido no ambiente hospitalar, visto que o educando imerso nesse contexto está em condições vulneráveis e requer cuidados específicos, referentes ao seu desenvolvimento global.

Diante de tal necessidade, a Pedagogia Hospitalar traz novas perspectivas para as crianças e adolescentes que se encontram em tratamento clínico, e, impedidos de comparecer a escola.

1 SERVIÇO DE ATENDIMENTO À REDE DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR: A EDUCAÇÃO POR AMOR É CONTAGIOSA

A pedagogia Hospitalar teve início a partir das necessidades educacionais dos pacientes que se tornaram impedidos de frequentar os estabelecimentos escolares, devido a diversos tratamentos de saúde.

Assim Foucault (1979) indaga:

A consciência de que o hospital pode e deve ser um instrumento destinado a curar aparece claramente em torno de 1780 e é assinalada por uma nova prática: a visita e a observação [...] Antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres. Instituição de assistência, como também de separação e exclusão. O pobre como pobre tem necessidade de assistência e, como doente, portador de doença e de possível contágio, é perigoso. Por estas razões, o hospital deve estar presente tanto para recolhê-lo, quanto para proteger os outros do perigo que ele encarna. O personagem ideal do hospital, até o século XVIII, não é o doente que é preciso curar, mas o pobre que está morrendo. E alguém que deve ser assistido material e espiritualmente, alguém a quem se devem dar os últimos cuidados e o último sacramento (FOUCAULT, 1979, p.57).

O autor expressa o quão excluído era o paciente que se encontrava em internamento, seguindo os moldes da época, o doente pobre devia ser excluído da sociedade, e conseqüentemente, sem nenhum direito assegurado. Portanto, os ambientes hospitalares eram formulados através da ótica assistencial, preparando-os para a morte.

Desse modo, Esteves (2000) alega que a Pedagogia Hospitalar surgiu a muitos anos, se intensificando durante a 2ª Guerra Mundial onde houve a necessidade de atendimento educacional dentro dos hospitais para as crianças e os adolescentes que foram atingidos pela guerra. Esteves ainda explana que, em 1935, Henri Sellier inaugurou a primeira escola para crianças inadaptadas nas proximidades de Paris. Seguindo o modelo, a Alemanha, França e os Estados Unidos começaram o atendimento especificamente as crianças tuberculosas.

A fim de atender o mesmo propósito no Brasil, segundo Esteves (2000), a Pedagogia Hospitalar teve seus primeiros indícios em 1600 pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, com o atendimento específico de pessoas portadoras de deficiências.

A classe hospitalar mais antiga do país foi criada oficialmente em 14 de agosto de 1950, no Hospital Municipal de Jesus na zona Norte do Rio de Janeiro RJ, iniciou-se seus trabalhos pedagógicos quando o diretor da instituição se sensibilizou de que as crianças necessitavam de um apoio educativo.

Fonseca (1999) afirma:

[...] o crescimento do número de classes hospitalares coincide com o redimensionamento do discurso social sobre a infância e adolescência, que culminou com a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente e seus desdobramentos posteriores (FONSECA, 1999, p.10).

De acordo com Fonseca, surgiu a necessidade do atendimento educacional hospitalar, em paralelo ao discurso social do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Atualmente o Hospital Pequeno Príncipe de Curitiba é referência nacional no que diz respeito ao atendimento infantil, baseando-se na demanda de seu serviço clínico e também ao apoio educacional prestado desde 1988 (MUGGIATI, 2001).

No Brasil a Pedagogia Hospitalar é parte da modalidade de Educação Especial, executado tanto nos ambientes escolares como no domiciliar. Tais pacientes possuem o direito da aprendizagem mesmo sem condições físicas adequadas para frequentar a escola.

Amaral e Silva (2003) colocam que:

A criação de classes escolares em hospitais é resultado do reconhecimento formal de que crianças hospitalizadas, independente do período de permanência na instituição ou de outro fator qualquer, têm necessidades educacionais e direitos de cidadania, onde se inclui a escolarização (AMARAL & SILVA, 2003 p.10).

Como explícito na afirmação, a lei garante que os alunos hospitalizados mantenham suas conexões educativas durante toda sua estadia no seio hospitalar. Para tal alegação, confirma-se na lei, Muggiati (2001):

O Estatuto da criança e do Adolescente, lei nº 8.069 de 13/07/90 com base nos princípios universais do direito da criança e procurando atender aos anseios da sociedade brasileira, que estabelece em seus artigos 3º e 4º: artigo 3º A criança e o adolescente gozam de todos

os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa Lei, assegurando-lhes todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. Parágrafo único. A garantia de prioridade compreende: a) Precedência de atendimento nos serviços públicos ou de relevância pública; b) Preferência na formulação e na execução das políticas sociais públicas; c) Destinação privilegiada de recursos públicos nas áreas relacionadas com a proteção à infância e à juventude; d) Primazia de receber proteção e socorro em quaisquer circunstâncias (MUGGIATI, 2001, p.41).

Os artigos que Muggiati faz menção, expressa os direitos da criança e do adolescente, a fim de lhe assegurar todos os direitos fundamentais para seu desenvolvimento, considerando suas singularidades. Desse modo, é de total importância que a sociedade se faça conhecer pelos seus direitos, buscando a provisão dessas demandas diferenciadas.

O Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado destaca-se na resolução nº. 41, de outubro de 1995, item 9 Brasil (1995) que o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”, tendo apoio na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Brasil/MEC (1996).

Para tal, Brasil (2004), afirma que:

As entidades de atendimento são responsáveis pela manutenção das próprias unidades, assim como pelo planejamento e execução de programas de proteção sócio-educativos destinados à criança e adolescente, em regime de internação (BRASIL, 2004, p.104).

Assim, a disponibilização do atendimento, bem como, as estruturas e planejamento na execução do trabalho educacional é de responsabilidade da instituição que oferta o internamento, regidas pelas normas internas do estabelecimento.

1.1 PEDAGOGIA HOSPITALAR ATRAVÉS DO CONVÊNIO COM O SAREH – SERVIÇO DE ATENDIMENTO À REDE DE ESCOLARIZAÇÃO HOSPITALAR

Neste sentido, o SAREH é um programa estadual criado a partir das necessidades educacionais das crianças e adolescentes que passam por internamentos de saúde. Os hospitais do Paraná conveniados com o SAREH possuem atendimento educacional em alas como: enfermarias, Unidades de Tratamento Intensivo (UTI) e ambulatórios de especialidades, salas de aula ou brinquedotecas.

Sobre esse aspecto, Paraná (2010) ressalta:

O Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH) está fundamentado nas pesquisas de Menezes (2004), que discute a importância do papel do pedagogo em ambiente hospitalar e suas implicações no desenvolvimento cognitivo das crianças, adolescentes, jovens e adultos afastados da escola por motivo de tratamento de saúde. Entende-se que esta situação de internamento não pode se configurar como impeditivo do acesso à educação, que é direito fundamental do cidadão (MENEZES, 2004 *apud* PARANÁ 2010, p.16).

Os educandos que vivenciam a situação de internamento, não podem ser interrompidos dos estudos, assim, necessitam de um atendimento educacional diferenciado no hospital.

Paraná (2010) afirma que em julho de 2005, houve reunião entre os departamentos de ensino da SUED - Superintendência da Educação e as demais unidades da SEED-PR – Secretaria Estadual de Educação, para formalizar o Sistema SAREH, tendo como princípio básico a organização de metodologias por meio da Resolução n. 3.302/05. Desse modo, estudos e levantamentos foram realizados em outros Estados da Federação, solicitando informações sobre as intervenções educativas com alunos que se encontravam hospitalizadas.

Paraná (2010) indaga:

O atendimento educacional hospitalar ou escolarização hospitalar, conforme encontra-se em literatura específica, é um assunto que conta com poucos estudos especializados, apesar de a primeira classe hospitalar no Brasil datar de 1950. Com isso, houve a preocupação da realização, em nível nacional, de um levantamento diagnóstico junto às secretarias estaduais e do Distrito Federal, para arrolar políticas já existentes para essa demanda. Ressalta-se que a SEED-PR encaminhou correspondência às Secretarias de Educação dos 25 estados e do Distrito Federal, solicitando informações sobre os encaminhamentos referentes ao atendimento educacional hospitalar. Apenas 13 das Secretarias de Educação enviaram resposta e, destas, sete indicaram alguma forma de atendimento (MENEZES, 2004 *apud* PARANÁ/SEED, 2010, p.18).

É notável o déficit que o país demonstrou no que diz respeito ao atendimento às crianças que careceram de trabalho pedagógico nos recintos hospitalares, esta constatação rendeu a integração de familiares, escola, equipe do SAREH, NRE – Núcleo Regional de Educação, SEED-PR e unidade hospitalar para formarem-se táticas educativas que visam o estado clínico do educando, o desenvolvimento curricular educacional, bem como a humanização de seu tratamento.

Em continuidade na efetivação do SAREH, foram destacadas duas prioridades: formação continuada de professores e material de apoio pedagógico, com a primeira preocupou-se em selecionar equipes, e promover cursos e eventos objetivando esquadrihar meios para o

desenvolvimento do trabalho docente nos hospitais. Tendo em vista a segunda proposta Paraná (2010) afere:

O professor como sujeito epistêmico e, por meio do trabalho coletivo, valoriza-se a capacidade intelectual dos professores da Rede Pública de Educação Básica do Paraná na produção de conhecimento. Previu-se, ainda, o acompanhamento aos professores por meio de reuniões técnicas e grupos de estudos, possibilitando troca de experiências sobre o exercício da prática docente em ambiente hospitalar, subsidiando a avaliação constante da implantação do SAREH (PARANÁ 2010, p.19).

Dessa maneira, se constata a importância da formação profissional para essa vertente educativa por todas as esferas da SEED-PR, assim Paraná (2010) relata que o evento denominado “Educação e Saúde – Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar e a Prática Pedagógica”, que realizou-se entre os dias 30 de maio a 2 de junho de 2007, na cidade de Curitiba demarca a apresentação e início das atividades do SAREH.

Esteves (2000) complementa que o educando devidamente matriculado na Rede de Educação Básica, e que passa por três dias ou mais em atividade de internamento, têm direito a receber o atendimento educacional dentro dos hospitais, tal como, a instituição hospitalar através da equipe pedagógica se encarrega de contatar a escola de origem do aluno, no qual receberá um documento legitimado com a assinatura do diretor, para fins de obtenção de informações necessárias sobre seus conteúdos pendentes, desempenho, posturas e dificuldades apresentadas no decorrer de sua trajetória escolar.

Dessa forma, a Lei Nº 13.716, de 24 de Setembro de 2018 altera a Lei nº a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional):

Art. 4º-A: "Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa."Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação (BRASIL 2018).

Este artigo complementar vem assegurar o atendimento educacional ao aluno da educação básica internado para o tratamento de sua saúde hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado.

À vista disso, Muggiati (2001) declara que o corpo docente juntamente com a equipe de saúde, deve manter relações participativas na reconstrução do ser humano, no desenvolvimento de suas capacidades de auto percepção e solidariedade consciente.

Para confirmar:

A Pedagogia Hospitalar, é um processo de educação organizada que transcende aos parâmetros usualmente adotados [...] Com esse espaço, dar-se-á oportunidade à ampliação das potencialidades que se concretizam no processo de educação, com possibilidades de garantias para novas oportunidades temporais no enfoque educativo em ambiente hospitalar (MUGGIATI, 2001, p.43).

Reitera-se Muggiati, que o atendimento pedagógico nos hospitais é um método organizado e que possibilita a garantia do suporte educativo a toda sociedade pelos seus direitos, entretanto, este serviço ainda não abrange todas as unidades de saúde.

Brasil (2008) preconiza através das diretrizes que:

[...] para atuar na educação especial, o professor deve ter como base da sua formação, inicial e continuada, conhecimentos gerais para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. Essa formação possibilita a sua atuação no atendimento educacional especializado e deve aprofundar o caráter interativo e interdisciplinar da atuação nas salas comuns do ensino regular, nas salas de recursos nos centros de atendimento educacional especializado, nos núcleos de acessibilidade das instituições de educação superior, nas classes hospitalares e nos ambientes domiciliares, para a oferta dos serviços e recursos de educação especial (BRASIL, 2008, p.18).

A Pedagogia Hospitalar é uma vertente da Educação Inclusiva, partindo-se dessa premissa, o educador hospitalar deve estar regulamentado através de sua formação, conhecimentos que o habilite para a atuação deste seguimento educativo.

Para Assis (2009), o professor jamais deixa o aprendizado para planos posteriores, pois, o processo de ensino-aprendizagem transcende os saberes científicos na humanização do sistema, assim, requer do profissional constante atualização de suas metodologias.

Assis (2009) ainda discute o papel do profissional que atua no contexto hospitalar:

Em primeiro lugar ele é um profissional da educação que, além de sua experiência anterior, precisa adquirir competências específicas, sempre aliadas a um olhar diferenciado e uma escuta sensível, para o exercício responsável da docência em classe hospitalar. A iniciativa do professor pedagogo hospitalar vem se concretizando de diversas maneiras como: pós em educação especial, cursos de extensão, capacitação em pedagogia hospitalar, especialização *latu sensu*, entre outras formações contínuas (ASSIS, 2009, p.105).

A autora corrobora que o profissional docente hospitalar, necessita de bagagens metodológicas específicas, onde, busca-se por meio de capacitação e especialização adequar-se ao ambiente hospitalar.

Assis (2009) continua:

Estar aberto ao diálogo, à incorporação de outras práticas e às mudanças; dominar conhecimentos das várias séries da educação básica; ter competência para transitar bem entre os campos da saúde e da educação; estabelecer vínculos de afeto; ser mediador de conhecimentos e de relações interpessoais; ter maturidade emocional para lidar com as intercorrências do entorno hospitalar e saber interpretar as necessidades educativas de seus alunos, que podem requerer modificação no currículo ou alguma tecnologia assistiva (ASSIS, 2009, p.106).

Mencionados acima, são alguns dos potenciais que a autora considera imprescindíveis para o profissional pedagógico adaptar-se no entorno dos locais de saúde, já que, se trata de um lugar hostil e que requisita estrutura emocional e profissional para resistir e compreender o que o cerca. Compactuando com os mesmos ideais em relação ao citado, Matos e Muggiati (2014) complementam:

Nesta perspectiva, a atenção pedagógica, mediante a comunicação e diálogo, é essencial para o ato educativo e se propõe a ajudar a criança (ou adolescente) hospitalizada para que, imerso na situação negativa que atravessa no momento, possa se desenvolver em suas dimensões possíveis de educação continuada, como uma proposta de enriquecimento pessoal (MATOS & MUGGIATI, 2014, p.69).

Os autores conceituam a importância do professor se ater tão somente aos preceitos de humanização que o atendimento lhe impõe, pois, algumas necessidades básicas serão complementadas a ação pedagógica.

Assim, Oliveira *et al*, (2012) comenta:

A importância da atuação do Pedagogo alia-se a um princípio básico de amor ao seu aluno, entendendo que a criança é um ser em formação e precisa de um profissional da educação ao seu lado enquanto estiver hospitalizado; pois de acordo com o Estatuto da Criança e Adolescente o ECA segundo o seu artigo 53 diz que a criança tem o direito a educação, seja em qualquer circunstância (OLIVEIRA *et al*, 2012, p.26).

Para o autor, é indispensável o amor e orgulho pela carreira docente, já que se trata de situações sensíveis ao tato humano. O trabalho educativo hospitalar segue além de tarefas

conteudistas, é preciso entregar-se humanamente ao ato de ensinar, para que assim, se obtenham resultados satisfatórios, e conseqüentemente promova recuperação da saúde do aluno.

Fontes (2005) testifica que o pedagogo pode colaborar na execução do trabalho dos demais profissionais envolvidos com a saúde do aluno, contribuindo para o bom funcionamento do processo de humanização em respeito aos pacientes e de seus acompanhantes.

Para Oliveira, Bartz e Luiz (2018):

Quando se fala em Pedagogia Hospitalar, a tarefa não se resume a apenas ensinar ao educando conteúdos curriculares; é, na verdade, o trabalho com um conjunto de fatores que levam ao progresso de seu estado físico, mental e emocional. A ação educativa, quando abrange tal realidade, volta-se para outros procedimentos; dessa forma, o professor deve transmitir o conhecimento com muita habilidade, não apenas educacional, como também terapêutica, levando o educando a assumir sua própria autonomia na construção de seus conhecimentos (OLIVEIRA, BARTZ & LUIZ, 2018 p.4).

Segundo as autoras, este trabalho envolve habilitações do viés terapêutico, considerando o aluno sob seus diversos aspectos. Objetiva-se, portanto, uma cadeia de procedimentos que intercalam entre si, promovendo o processo de ensino e aprendizagem do aluno. Para isso, é necessário, que haja um engajamento, entre, hospital, escola e a família do educando.

Neste sentido, o ensino das classes hospitalares, busca a democratização do ensino, acolhendo as dores, integrando e incluindo saberes e experiências. Em consonância, Matos (2009) afere:

Os educadores precisam ter preparo e entender o todo, para atuar com sucesso junto ao aluno hospitalizado. Assim, as propostas pedagógicas podem ajudar na atuação dos profissionais que desejam oferecer um cuidado baseado na sensibilidade, no carinho, na confiança, na competência, mas, principalmente, na humanização desta modalidade de ensino (MATOS, 2009, p.15).

Em harmonia com Matos, o planejamento pedagógico hospitalar deve estabelecer parâmetros de benevolência dentro da ação, onde o amor, carinho e confiança sejam disposições básicas apropriadas pelo professor, compete detecção dos pontos positivos de seus alunos, permitindo-lhes meios para a superação de suas dificuldades, jamais, impor limites segundo seus julgamentos prévios.

Desse modo, a estadia do aluno dentro do hospital, passa a ser menos impactante devido às circunstâncias hostis que o ambiente promove, e passa a suavizar o sofrimento do mesmo perante as novas condições que ele se encontra.

Em suma, vale ressaltar que grande parte dos hospitais pediátricos não presta atendimento adequado, visto que não possuem estruturas físicas recomendadas para Classes Hospitalares.

De acordo com Fonseca (2003):

O atendimento pedagógico-educacional no ambiente hospitalar deve ser entendido como uma escuta pedagógica às necessidades e interesses da criança, buscando atendê-las o mais adequadamente possível nestes aspectos e não como uma mera suplência escolar ou “massacre” concentrado no intelecto da criança. O sucesso deste trabalho depende da contínua e próxima cooperação entre professores, alunos, familiares, e os profissionais de saúde do hospital, inclusive no que diz respeito aos ajustes necessários na rotina e/ou horários quando da interferência destes no desenvolvimento do planejamento para o dia-a-dia de aulas na escola hospitalar (FONSECA, 2003, p.14).

Fonseca complementa que a Pedagogia Hospitalar, objetiva inserir o doente em um ambiente agradável e de aconchego, colocando-o mais próximo possível do mundo que o cerca através das paredes do hospital, nesse caso, é imprescindível que se estabeleça uma simetria nas relações que envolvam o suporte a este aluno.

É direito de todos terem acesso à educação, incluindo alunos que se encontram na situação de internamento. Contudo, ainda há uma defasagem enorme nessa modalidade de ensino, uma vez que muitos dos hospitais brasileiros não possuem classes hospitalares, da mesma maneira que não se dispõem de profissionais docentes para a atuação pedagógica hospitalar.

Assim sendo, a pedagogia hospitalar é um elo entre a escola e o aluno, favorecendo o seu desenvolvimento integral e atentando-se para as bases curriculares educacionais de cada aluno. Para Oliveira e Bartz (2018), o processo educativo no âmbito hospitalar, requer habilidades e adequações metodológicas empregadas de acordo com as necessidades individualizadas dos educandos, para que assim, o mesmo tenha condições de voltar para a escola no período pós-alta.

[...] O professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar (FONSECA, 2003, p.26).

A formação acadêmica de Pedagogia, assim como os cursos de especialização, poderiam obter mais abordagens específicas desta área de atuação, no entanto, ainda há uma discrepância contida nos currículos que formam estes profissionais no Brasil.

No tocante as brinquedotecas das alas infantis dos hospitais, Friedmann (1992) destaca:

Valorizar o brinquedo e as atividades lúdicas e criativas; Possibilitar o acesso à variedade de brinquedos; Estimular o desenvolvimento global das crianças; Desenvolver hábitos de responsabilidade e trabalho; Provocar um tipo de relacionamento que respeite as preferências das crianças e assegure seus direitos (FRIEDMANN, 1992, p.37).

Os vínculos educativos através do brinquedo favorecem o aprendizado, constroem histórias e se acrescem as vivências culturais e sociais. Assim continua Friedmann (1992):

Como o brinquedo ou os objetos utilizados na brincadeira são instrumentos que mediam a relação da criança com o mundo e influenciam na maneira como elas se relacionam e interagem. Quando as crianças brincam, liberam e canalizam suas energias, podendo transformar uma realidade difícil em uma fantasia prazerosa (FRIEDMANN, 1992, s/p).

O autor considera que a ação da brincadeira possui grande significação pedagógica e cultural, já que possuem maneiras de centralizar suas energias e modificar a realidade delicada que o paciente está vivendo.

Firmado nesse contexto, Paula (2007) complementa:

Com o objetivo de tornar os ambientes mais acolhedores, os hospitais têm buscado várias maneiras para humanizar estes espaços. A concepção de paciente vem sendo modificada. Eles já não são mais vistos como pessoas que esperam sua recuperação com apatia, mas são tratados como agentes expressivos nos seus processos de cura. O período da hospitalização também já não é mais concebido como de isolamento social (PAULA, 2007, p.320).

O hospital não seria um local recomendado para o desenvolvimento pleno de uma criança ou adolescente, logo, é necessário reorganizar o espaço para atender o mais humanamente possível. As brincadeiras, jogos e ludicidade contribuem ricamente para que este processo seja mais generoso e sensibilizado frente à situação vivida dia após dia, auxiliando o processo imaginário da criança, ou até mesmo dos adolescentes.

Os procedimentos médicos, as medicações e as intervenções que os educandos se submetem no decorrer de seu tratamento, diz muito sobre o estado de espírito que eles se encontrarão para as atividades pedagógicas, contudo, o professor deverá ser compreensível para exercer essa atividade com amor, carinho, rotina e compreensão; promovendo uma boa recuperação de sua saúde, e consequentemente para o retorno ao ambiente educativo.

1.2 Percurso Metodológico

Para este trabalho, foi realizada uma pesquisa qualitativa a qual objetivou explicitar as nuances do atendimento desenvolvido pelo pedagogo do programa SAREH. Esse procedimento é acentuado por Ruiz (2011, p.48) quando afirma que “a pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagrada pela ciência”. Sendo assim, destaca-se que as pesquisas conservam a busca por meio de recursos científicos, da investigação e/ou resolução dos problemas que se apresentam.

A pesquisa bibliográfica é um método utilizado para solucionar um determinado problema a partir de publicações científicas. E, “a pesquisa de campo para conseguir compreender e descrever informações e conhecimentos referentes ao problema investigado” (LAKATOS; MARCONI, 1985).

Desse modo, foi realizada uma visita técnica a instituição UOPECCAN – União Oeste Paranaense de Estudo e Combate ao Câncer, situada na Rua Itaquatiras, 769 - Santo Onofre, Cascavel – PR, sendo recepcionada pela Pedagoga responsável pelo convênio com SAREH. Assim, evidenciou a confiabilidade do mesmo por meio do conteúdo composto na pesquisa, a qual permite maior contextualização conforme a realidade exposta.

1.3 SAREH na UOPECCAN Cascavel

A pesquisadora agendou uma visita técnica à instituição - UOPECCAN, a qual aconteceu no dia 25 de maio do corrente ano. Na ocasião, foi recebida pela pedagoga atuante no hospital.

Durante a visita técnica a pedagoga da referida instituição apresenta os recintos educativos onde ocorre o apoio pedagógico do SAREH, foram observados alguns locais como: a primeira sala de recepção às crianças e adolescentes, brinquedoteca, classe hospitalar e rapidamente pela sala de procedimentos clínicos. Todos os espaços são bem equipados e demonstram haver boa adaptação para recepcionar crianças, são locais lúdicos, dispõe-se de materiais pedagógicos apropriados para o ambiente hospitalar e são livres de quaisquer objetos que possam contaminá-los. A visitante não foi liberada para contatar nenhum dos pacientes/aluno internado, já que o local possui grande cautela em relação à disseminação e contágio de bactérias.

Em conversa com a profissional, ela relata que toda criança, adolescente, jovens ou adultos que estão em internamento, e que, se encontram devidamente matriculados na rede básica de

ensino, têm direito a receber atendimento através do convênio com o SAREH, porém a maiorias das assistências prestadas ainda incide de crianças e adolescentes.

Os pacientes que obtêm atestado médico acima de 60 dias, passam a receber atendimento domiciliar, alguns por estarem atravessando dias frequentes de tratamentos, recebem atendimento nas casas de apoio em anexo ao hospital.

Segundo a Pedagoga, a instituição hospitalar recebe pacientes de vários locais da região, do país e até mesmo de fora do país e nem sempre o atendimento prestado faz parte do programa SAREH, acontecem casos voltados para o atendimento social do paciente, onde muitas das vezes necessitam de apoio e convívio educativo sensibilizado.

Para ela, é impossível não imergir nesse contexto com afinco e devoção pelo que faz, já que o trabalho exige amor, carinho e respeito. São aspectos que fundamentam as raízes deste trabalho, e é necessário ainda, que o profissional tenha perfil para este ofício, pois, o professor em área educativa hospitalar é submetido aos regimentos internos da instituição de saúde. Ainda assim, ela diz que o trabalho é maravilhoso e que o ser humano é reestabelecido a partir dessa experiência.

A equipe do SAREH é composta por três professores, sendo das áreas de humanas, exatas e linguagens. O profissional que queira atuar como Pedagogo Hospitalar deve estar ocupando a função concursada do estado, ter pós-graduação em Educação Especial e submeter-se a seleção interna para a área específica de Pedagogo Hospitalar.

A pedagoga da instituição ainda explica que a maioria dos alunos que chegam ao hospital se encontram desmotivados e debilitados, tanto fisicamente quanto emocionalmente, contudo, os riquíssimos momentos durante aos processos pedagógicos, os favorecem para o resgate da autoestima, reabilitação de sua saúde, e, por conseguinte, são ocasiões onde eles se sentem submersos no mundo do lado de fora das paredes frias e hostis de um hospital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A qualidade da Educação é pauta das grandes discussões que permeiam todo país. Com enfoque na atual perspectiva do viés educativo hospitalar, a pesquisa salientou a difusão deste atendimento, e como ele é executado em nível estadual através do convênio com o SAREH.

O atendimento educacional hospitalar se concretiza por meio das leis que amparam os educandos em internamentos, para que os mesmos não percam seus vínculos educativos neste período de grandes perdas sociais, emocionais e educacionais. Os pedagogos especializados na área

hospitalar devem atender crianças, adolescentes, jovens e adultos que estejam matriculados na rede regular de ensino, porém, a demanda ainda é predominantemente destinada a crianças.

A pedagogia hospitalar demonstra grande evolução no que se refere ao atendimento dos educandos em situação de internamento. Garantem-lhes o acesso à educação, cooperam em sua recuperação de saúde, favorecendo seu retorno para os recintos educacionais após a alta.

Porém, ainda é pauta em destaque dos pesquisadores das áreas de Educação e Saúde, pois, mesmo tendo leis que amparam esses alunos, ainda se demonstra falha e necessita de melhorias, tanto na parte estrutural quando capacitação de profissionais específicos para atender estes alunos. A formação acadêmica docente não possui currículos que elenquem as especificidades da pedagogia Hospitalar.

Para essas evidências, é relevante Matos e Muggiati (2001), quando mencionam que é um desafio imenso em formar profissionais pedagógicos hospitalares, visto que, é necessário conceituar fundamentos teóricos-práticos que favoreçam a compreensão da emergência imposta pelas peculiaridades deste trabalho.

Tal emergência, embora relegada pelo deficitário currículo, não minimiza a relevância da aplicabilidade da educação pedagógica nos ambientes hospitalares, uma vez que, engendra ligação entre a escola e o aluno afastado para tratamento de sua saúde, sem que ocorra dano em seu desenvolvimento da aprendizagem.

Paula e Zaias (2009) enfatizam que, não obstante as leis que dão suporte a esses alunos, ainda existe uma corrida em favor da plena execução desta atividade educativa, redimensionando a visão da sociedade, que pouco reconhece e/ou a conhece como uma educação que propende respeito em usufruto dos direitos cidadãos.

O conjunto desta pesquisa explicitou que entre as funções do professor hospitalar, é necessário que exista planejamento pedagógico, tal como, a execução de metodologias diversificadas e ajustadas de acordo com a realidade do aluno hospitalizado. A assistência educacional hospitalar vai além de complementação dos conhecimentos curriculares, tal momento, requer sensibilidade, humanização e amor, voltados para a superação de sua limitação física, emocional e dos conteúdos escolares.

Para isso, a harmonização da equipe pedagógica, corpo clínico e da família é imprescindível para o sucesso deste objetivo, dessa forma, o Estado tem como responsabilidade propiciar o previsto em lei, dignificando o acesso à educação para todos.

Para não encerrar...

Arriscamos em não findar esta pesquisa, por julgar que a análise dessa área do conhecimento, encontra-se ainda em processo de maturação. Pedagogos Hospitalares ou não, somos todos atores deste elenco.

Dessa maneira arriscamos ainda: “não há vida sem ação, não há ação sem movimento e não há mundo sem vida e sem ação” e se “Uma gota de tinta é capaz de colorir uma porção de água que dirá duas, três, quatro...” (PORTELA, 2009, p.11).

REFERÊNCIAS

AMARAL, D. P; SILVA, M. P. **Formação e prática pedagógica em classes hospitalares: respeitando a cidadania de crianças e jovens enfermos**, 2003.

ASSIS, W. **Classe Hospitalar, um olhar pedagógico singular**. Editora Phorte. 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. **LEI Nº. 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996**. Brasília, 20 de dezembro de 1996; 175º da Independência e 108º da República - Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 15 ago. 2018.

_____. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente. **Resolução nº 41 de Outubro de 1995** (DOU 17/19/95). Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/SEPE-UFFS/article/view/2445>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. LEI Nº 8.069. Portal Tributário Editora Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/guia/clientes/entidades-de-atendimento-crianca-obrigacoes.htm>>. Acesso em: 18 set. 2018.

_____. MEC/SE. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. **LEI Nº 13.716, DE 24 DE SETEMBRO DE 2018**. Brasília, 24 de setembro de 2018; 197º da Independência e 130º da República. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13716-24-setembro-2018-787190-publicacaooriginal-156470-pl.html>> Acesso em: 12 out. 2018.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. **Uma visão holística de Educação**. São Paulo: Summus, 1995.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico**, 2000. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HIST%C3%93RICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>> Acesso em: 18 set. 2018

FONSECA, Eneida S. **O professor no ambiente hospitalar: Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. Memnon: São Paulo, 2003.

_____. E. S. **Atendimento pedagógico-educacional para crianças e jovens hospitalizados**. Brasília Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais 1999.

FONTES, R. S. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital, **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, p. 119-139, 2005.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 24. Ed. Organização, introdução e Revista Técnica de Roberto, 1979.

FRIEDMAN, A. **O direito de Brincar: A Brinquedoteca**. São Paulo: Página Aberta, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologias Científicas**, ed.59. SP editora Atlas, 1985.

MATOS, E. L. M. **Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MATOS, E. L. M; MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia Hospitalar: A humanização integrando educação e saúde**. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MENEZES, Cinthya V. A. A necessidade da formação do pedagogo para atuar em ambiente hospitalar: um estudo de caso em enfermarias pediátricas do Hospital de Clínicas da UFPR. Florianópolis, Dissertação – Universidade Federal de Santa Catarina. 2004.

<<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86680>>. acesso em 15 ago. 2018

MUGGIATI, M. T. de F. **Pedagogia Hospitalar**. Editora: Champagnat, 2001.

OLIVEIRA, G. M. A.; BARTZ, A. L. V. B.; LUIZ, C. F. **Pedagogia Hospitalar: Humanização no Atendimento Educacional**. **Anais...** VI Simpósio Nacional de Educação, XXVII Semana de Pedagogia, I Mostra da Pós-Graduação. Cascavel, 2018. Disponível em: <midas.unioeste.br/sgev/eventos/860/downloadArquivo/32348>. Acesso em 22 Set. 2018.

OLIVEIRA, G. M. A.; BARTZ, A. L. V. B. A atuação do pedagogo com crianças e adolescentes que são atendidos pelo SAREH. **Anais...** XXIII SEMANA DE PEDAGOGIA-UEM XI Encontro de Pesquisa em Educação II Seminário de Integração Graduação e Pós-Graduação. Maringá, 2018. Disponível em: <<http://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2018/T04/04.01.pdf>>. Acesso em 20 Set. 2018.

OLIVEIRA, M. C. S. *et al.* A importância do pedagogo em duas instituições hospitalares de Belo Horizonte: Desafios e conquistas, **Pedagogia em Ação**, v. 4, n. 1, 2012. Disponível em: <<http://periodico.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/7089/6300>>. Acesso em: 22 set. 2018

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao Sareh. **Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (Sareh)** / Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Núcleo de Apoio ao Sareh – Curitiba: Seed-PR., 2010. - 140 p. - (Cadernos temáticos).

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/tematico_sareh.pdf>. Acesso em 7. set. 2018

PAULA, E. M. A. T. Crianças e adolescentes que voam em jaulas: a tecnologia promovendo a liberdade no hospital. **Cadernos CEDES**, vol. 27, n. 73, 2007.

PORTELA, M. S. - A ESCOLA NO HOSPITAL: UMA LIÇÃO PARA ALUNOS E PROFESSORES. **Anais...IX Congresso Nacional e Educação – EDUCERE, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia - PUCPR, 2009**. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2009/3263_1756.pdf>. Acesso em: 28 set. 2018.

RUIZ, J. Á. **Metodologia Científica**: Guia para eficiência nos estudos. 6ªed. São Paulo. Atlas, 2011.